

# em volta da escola

11

Um dos capitais pontos de vista, presentemente, para o progresso didáctico da escola é o caso dos inspectores escolares.

Que papel simpático podiam desempenhar estes agentes auxiliares do ensino, acompanhando de perto a acção do professor, ajudando-o e orientando-o na busca dos melhores processos de ensino!

Isto, frizemo-lo, dentro da organização escolar e social dos nossos tempos e, sobretudo, para obstar a uma mecanização total e inadequada de alguns regentes escolares que, ou por falta de preparação ou pela força de circunstâncias especiais se deixam vencer pelos muitos obstáculos que a sua acção encontra. Porque, parece-nos não serem uma necessidade flagrante os inspectores em outra organização escolar. A prová-lo, em certa medida, está o facto de, mesmo actualmente, as escolas obterem o rendimento exigido por lei, sem terem, tantas delas, mais que uma visita de inspecção lá de anos a anos, visita que, na maioria dos casos se destina ou a verificar se o professor é pontual nas entradas e saídas do serviço, ou a indagar do rendimento obtido no fim do ano lectivo, conseguido não importa por que meios. Como se não bastassem as provas dos exames finais para obter-se idêntico resultado.

Se os candidatos a professores tivessem uma sufficiente e bem cuidada preparação e o ambiente na vida prática não fosse de molde a embotar-lhes o desejo, toda a sua boa vontade de produzir, de serem bons educadores—esta boa vontade levam-na para a vida prática todos os novos professores—não seria a existência dum fiscal official sufficiente nem tão pouco necessária para eles cumprirem tanto quanto lhes fosse possível e exigido por programas bem organizados. Bastar-lhes-ia a por vezes bem cruel fiscalização familiar dos educandos.

Quantas queixas, quantos lamentos, quantos pedidos injustos recebem os professores por esse mundo de Cristo! E quantas ingratições! Ingratições que tantos deles aceitam resignadamente na consciência dos seus deveres.

Não podemos nem queremos, é certo, desculpar injustamente os maus professores que por ventura existam. Longe de nós essa ideia. Maus trabalhadores, infelizmente há-os em todos os ramos da activi-

dade humana. E se na dos professores existe o mal, a culpa não é só sua. Senão vejamos.

Certo professor era antigamente considerado em certa região como um exemplar obreiro da instrução, visto que apresentava percentagens fabulosas de alunos a exames finais. Todos o admiravam—povo e superiores—pelo seu rendimento escolar.

Certo dia conversando com um parente dele ouvimos isto:

—O meu primo fazia assim: destinava uma tarefa aos alunos e saía da escola. Se, quando voltava, o trabalho não estivesse feito chegava-lhes de rijo.

Estão a ver o valor deste ensino. A criança instruída pelo método—ótimo processo de criar intrinsecos... e mais alguma coisa.

Não admira que assim acontecesse antigamente. Se ainda há pouco num conceituado jornal pedagógico lemos estas palavras escritas por um acreditado escritor contemporâneo português—Agostinho de Campos:

«A colaboração dos professores com a palmatória tinha, nessa época distante, veneráveis tradições, não quebradas ainda pela nova pedagogia do ensino brincalhão, da lição toda explicadinha pelo professor para que o aluno se não canse, e da necessidade em que se vêem agora os pais de família, segundo consta, de pagarem ao explicador como substituto da fôrula. Esta era gratuita, não porque os mestres desarmados sejam maus, mas porque em certas idades e, segundo a experiência de vários séculos a linha recta do cérebro do mestre para o do aluno parece que passava com vantagem pelas mãos deste.»

E consolo dos seus conhecimentos e experiência pedagógica continua: «Hoje em dia já se vão pondo alguns embaraços à pedagogia da facilidade e já se rosna, embora ainda a medo, que a escola não prepara bem para a vida, que falsifica e dulcifica a vida, esta vida nada fraternal que se está mostrando agora, por esse mundo, tão áspera, tão feroz, tão mal-humorada e por vezes tão malcriada. Tudo passa... e tudo volta. Hoje em dia militariza-se quasi por toda a parte a mocidade e a própria infância, metendo-a assim na escola da disciplina, da ordem, da dureza do esforço e do sacrificio.»

A apologia da palmatória!  
Como esquecem estes senho-

res o tempo que levaram a ser descobertas e sistematizadas essas regras, princípios e conhecimentos que agora tão violenta e apressadamente se pretende impingir à débil e indiferente mentalidade infantil—indiferente muitas vezes por culpa dos meios, dos processos e da natureza do ensino.

Quantas lutas, quantas decepções, quantos desânimos não tiveram os sábios que descobriram esses conhecimentos durante as suas investigações?

Admirará muito que a criança seja difícil a assimilação do saber tão arduamente conquistado pelos homens mais inteligentes? E terá porventura culpa das suas fracas possibilidades de assimilação?

O professor bate muito quasi sempre por incapacidade de ensinar, diz muito bem Manuel Suarez. Não é verdade que a criança segundo as mais autorizadas personalidades do mundo pedagógico, deve fazer, ao aprender, um trabalho de redescoberta do saber para obter um seguro e consciente conhecimento das matérias a conhecer? Quere dizer, só encaminhando a criança pelos processos que os homens de ciência seguiram nas suas experiências e tentativas para tirarem as suas conclusões é que o educando poderá abranger com clareza e duração todos esses princípios e noções que se lhes pretende fazer conhecer.

Mas isto exige tempo e não é em tão curto prazo como o exigem os programas que tal se consegue.

Perante as exigências de rendimento escolar, a deficiente preparação dos professores e o estado das escolas em geral, pode dizer-se que a criança tem sido a vítima mais violentada da sociedade.

E' pela análise, pela redescoberta do saber que se deve ensinar. E' esta uma das mais interessantes e úteis conquistas da pedagogia.

Vejamos porém este facto. Sabe-se que o aprendizado da análise no estudo da gramática deve obedecer a este principio: partir do geral para o particular. Isto é, em matéria de análise gramatical deve começar-se pelo estudo global do trecho, do periodo, das frases e orações para se chegar depois ao estudo e classificação das palavras. Parte-se portanto da chamada *análise lógica* ou *sintáctica*, para a morfológica. Mas tem-se feito precisamente o contrario na prática, salvo raras excepções.

São os programas que o indicam.

Isto poder-se-ia modificar com uma activa interferência dos inspectores aconselhando e demonstrando a certos professores o erro em que andam, visto que a pesar-de os programas indicarem uma orientação pouco pedagógica nada sofreria o rendimento escolar, antes lucraria, com tal modificação e satisfazer-se-lam igualmente nos exames finais as exigências da lei.

O professor ainda tem a liberdade de escolha dos processos de ensino. Pode portanto fazer alguma coisa por si no sentido de aperfeiçoar a sua técnica escolar sem prejudicar os fins que lhe impõem.

A acção dos inspectores escolares deveria estender-se ao ensino particular, pois não faz sentido que se deixe em plena liberdade esses cursos de ensino primário que funcionam sob a regência de pessoas nem sempre devidamente habilitadas que fazem do castigo o principal processo didáctico.

Nenhum motivo justifica a desigualdade de deveres entre os regentes escolares do ensino particular e official. Visitando os colégios verificariam os inspectores quão rigorosa, quão violenta é a pedagogia de alguns.

Há necessidade de um fundo de assistência às crianças das escolas. Assistência que diria respeito não só à alimentação de algumas, mas também às despesas com material escolar (livros, cadernos, lápis, penas, etc.), cuja deficiência dificulta grandemente o rendimento do ensino.

Existe, é certo, com fins aproximados, uma associação officializada—a Caixa Escolar. Existe, mas não atinge bem o fim em vista. E não o atinge porque a inscrição dos sócios tem de ser voluntária. Se não o fosse deixaria de ser educativa. Ora muito poucas são as crianças cujo ambiente familiar lhes permite convencer-se sinceramente da necessidade de auxílio a prestar aos seus condiscipulos. A criança é por instinto muito egoísta, desagrada-lhe imenso dar a outrem o que a pode beneficiar, no que não faz senão imitar os adultos...

E tem certa razão de ser o seu egoísmo. Pois se a elas duma maneira geral tudo probem! Se elas têm tantas necessidades que ficam por satisfazer!

(Continua na página vinte)